

Editorial N. 4

- Eu sou um outro

- Moi aussi

Claudia: Ana, acorda, agora temos que fazer esse editorial...

Ana: Ah Claudia,... acordar. Eu já não sei mais o que é dormir!

Claudia: Depois de revisar uma e outra vez os 21 trabalhos da revista, eu também já não sei se eu sou eu, se eu sonho que eu sou, ou se eu sou um outro...

Ana: Quanto a isso não é preciso ter dúvidas, não. Eu é realmente um outro. E você também!

Claudia: Então, Claudia, tentemos explicar como este sonho começou...

Ana: Tá. Foi assim. Como hoje, num diálogo, em conversas entre os membros do nosso grupo de pesquisa, começamos a perceber traços comuns entre nossos objetos e temas: diários, ensaios em primeira pessoa, inclusão do autor na obra, problematização da atividade de escrita... E uma inspiração comum: a obra do crítico Philippe Lejeune.

Claudia: Não, bem antes disso, há outra história...

Ana: Ah é? Então conta!

Claudia: Na verdade, não sei bem onde essa história começa...

É quase como se eu mesma não existisse antes dessa história começar. Em algum momento, como todos nós do grupo, eu acho que eu quis escrever. Só escrever. Porém todos perguntavam: mas o que você quer escrever? Contos? Poesia? Romance? Mas eu só queria escrever, escrever

o mundo, me escrever, escrever os outros, enfim, escrever verbo intransitivo. Acabei escrevendo sobre escrever. E dando aulas sobre escrever, e mostrando como o mundo em que vivo é só o mundo que escrevo.

Numa dessas aulas, eu encontrei você.

Ana: E, bom, eu encontrei você.

E nós encontramos algo em comum com o Lejeune. Esse primeiro encontro, uma disciplina em que líamos e escrevíamos autobiografias, não só confirmou a vontade de escrever o hoje, mas realmente deu voz a ele. Esse primeiro encontro só existe porque nós o escrevemos, e escrevendo colocamos à prova os limites que o mundo nos dá.

E assim, pode ser que o começo das coisas esteja sempre à nossa frente, como uma página que se abre.

E o que temos à nossa frente?

Claudia: Como já disse, 21 trabalhos. Todos eles fazem parte dessa mesma história sem começo nem fim, que se pergunta sobre esse mundo em que vivemos para escrever e em que escrevemos para viver.

Ana: E essa história, na verdade, são duas.

Lançamos uma chamada, e a partir dela recebemos textos de paisagens diversas: pesquisadores de horizontes que vão de Buenos Aires a Maceió, passando por departamentos de filosofia, teoria literária, literatura portuguesa, hispano-americana, norte-americana, brasileira e francófona.

E também há os textos do nosso grupo, fruto das nossas pesquisas, nossa amizade e do diálogo de vários anos.

Nesse encontro entre os textos, cada um veio com um assunto para conversa. Quando nos demos conta, todos estavam papeando animadamente uns com os outros.

Claudia: Só fico um pouco apreensiva em relação ao nosso leitor. No meio de tantos textos, de paisagens tão diferentes, será que ele também vai poder papear animadamente?

Ana: Claro que sim, só é preciso lembrá-lo do que ele pode encontrar. A nossa revista trabalha com a tensão entre criação e crítica: alguns textos parecem assumir o viés crítico, outros procuram se despir dele, e inclusive rasgá-lo, deixá-lo em pedacinhos.

Claudia: Talvez a presença marcante neste número de Philippe Lejeune tenha nos estimulado a transpor alguns limites. O nosso entrevistado, apesar de assumir e relatar os custos de desafiar a academia, nos encantou com seu estilo autorreferente, autocrítico, em que o eu sempre aparece, e é sempre um outro.

E nós também dissemos: “moi aussi”. E assim, encontramos aqui relatos em primeira pessoa, diálogos, escritas inconclusas, contradições, arroubos ficcionais, fotografias e inclusive... um vídeo.

Ana: Apesar da variedade de formas, percebemos que todos os textos estão interligados em pares, mas que podem se permutar. Sem querer impor essa ordem, decidimos deixá-la escondida no link abaixo, que o leitor pode clicar agora, mais tarde, nunca, ou quando quiser voltar.

Por enquanto, anunciamos apenas um único par, que nunca dançou sozinho, mas acompanhado de uma equipe incansável, que há meses não sabe o que é dormir.

Ana Amelia Coelho

Claudia Amigo Pino

Link:

Claudia: Temos uma quantidade bem expressiva de textos que não se conhecem, nem sabem tudo que eles têm em comum... Posso começar?

Ana: Vai fundo!

Claudia: O primeiro par é de dois textos sobre literatura hispano-americana: "Encenação da insuficiência narrativa em *Diário de um conto*", de Julio Cortázar, de Fernanda Alves e de "Uma leitura do conto *Detectives* de Roberto Bolaño", de Raquel Parrine.

Apesar da proximidade geográfica (um argentino, um chileno), os dois autores são próximos pelo fato de estarem, de fato, longe — longe de seus países, longe de uma identidade, longe de uma literatura. São levados assim a se desdobrar em vários narradores, personagens, personagens-narradores, personagens-escritores que apagam o que acabou de ser escrito etc.

Ana: Ok, minha vez agora. Vejo conversando juntos outro par de artigos que falam uma mesma língua, neste caso, a poesia. "*A idade do serrote: encaminhamento de uma leitura*", de Jayme loureiro, e "*A escrita de si em Só de António Nobre*", de Tatiana

Aparecida Picosque, referem-se aos entrelaçamentos entre discurso poético e autobiográfico.

Mas enquanto em Murilo Mendes, em *A idade do serrote*, transformaria seu próprio passado em poesia, António Nobre faz o mesmo com seu destino.

Claudia: O próximo par pode parecer, à primeira vista, improvável: "O leitor de diários e a recepção crítica de o *Amanuense Belmiro*", de Ananda Lehny de Almeida, e "El blog de Ferréz: en búsqueda de la literatura", de Lucía Tennina.

O romance *Cyro dos Anjos* e o blog de Ferréz podem não ter afinidades explícitas, mas os dois artigos coincidem no fato de explorar pactos autobiográficos coletivos: o primeiro no âmbito da crítica e o segundo dentro de uma comunidade.

Ana: Ao lado deles, três textos falam da procura de uma identidade coletiva, mas que não se encontra necessariamente no campo da representação.

Por um lado, dois artigos exploram a condição feminina: "O gênero autobiografia e a ascensão da mulher afro-americana em *I know why the caged bird sings*", de Raquel Nunes, e "Autoficção feminina: a mulher nua diante do espelho", de Euridice Figueiredo. Em outro vértice do triângulo, "A narrativa autobiográfica de infância: arrebatados pelos sentidos em *L'odeur du café*, de Dany Laferrière", de Ataiena Sobrinho.

O leitor é arrebatado pelos sentidos, incorporado, refletido, tornando-se assim também parte dessa coletividade.

Claudia: E agora, uma conversa em torno de uma mesma inquietação: “Proust e a questão do 'je' ”, de Carla Cavalcanti e Silva e “Um caleidoscópio de leituras: o status genérico de *À la Recherche du temps perdu*”, de Samira Murad. As autoras partem das mesmas perguntas: em que medida *La Recherche* é uma obra autobiográfica ou não? Quem é esse herói chamado Marcel, se não o seu autor?

Enquanto Carla Cavalcanti e Silva percorre escritos que antecedem a redação da *Recherche*, Samira Murad se centra nas reflexões de seu último volume. Os dois caminhos, no entanto, se encontram e mostram que a vida, e o “je”, só surgem depois — e a partir — da escrita literária.

Ana: Outro casal com grandes afinidades: a literatura e a reflexão filosófica: “O pensador e o filósofo: a experiência (auto)biográfica da filosofia na filosofia e na literatura”, de Marcos Daniel Camolezi e “Este mundo de miséria e sol: a narrativa autobiográfica e a relação com o real na obra de Albert Camus”, de Samara Lócio e Silva Geske.

Os dois textos atentam para uma tessitura inextrincável: a literatura reflete a experiência filosófica, e a filosofia expressa a ação criativa do homem no mundo e o mundo é aquilo que o homem cria.

Claudia: E chegou a hora de encontrar um par para o teu artigo... Dois textos falam sobre itinerários de viagem — mas de viagens em torno do desejo de escrever. Priscila Pesce Lopes de Oliveira, em “Incômodos *Incidentes*”, acompanha Barthes em sua aventura na forma do diário e do fragmento.

Já você, em “Espelho, fratura: notas sobre a crítica de Philippe Lejeune”, passeia pelas críticas das *Confissões* de Rousseau. Ambas percebem as idas e vindas do *eu* nos textos críticos — e que o medo de se perder nessa viagem é o que mais agrada.

Ana: E agora chamamos um convidado que é assunto de quase todas as conversas dos textos aqui reunidos. Um diálogo a várias vozes guia a entrevista com Philippe Lejeune — “Dúvidas, erros, surpresas, implicações”, organizada entre componentes do nosso grupo de pesquisa. Em dados momentos da conversa já não sabemos mais quem faz as provocações e perguntas: se nós ou Lejeune.

E para acompanhar a nossa inspiração, quem melhor que a sua própria inspiração? Jean-Jacques Rousseau assina o próximo texto, o “Preâmbulo do manuscrito de Neuchâtel”, até então inédito em português, traduzido por Raphael Araújo; nele o autor declara o que o move a falar de si e propõe ao leitor um primeiro pacto autobiográfico.

Claudia: Agora não nos corresponde forjar pares. Na seção das “Resenhas”, dois textos já se encontram juntos: “Três formas mutantes do eu”, de Manlio Speranzini, e “Quebra de contrato — transparência e opacidade do discurso historiográfico”, de Monica Gama.

Dois textos que partem de outros textos e voltam-se para si próprios: relatam-se, retratam-se, e transformam-se em metamorfoses ambulantes.

E por falar em velhas opiniões guardadas sobre tudo, só nos resta um último trabalho

Ana: Sim! “O que são, guardados agora, os teus cadernos?” encontra-se sozinho na seção “Exercícios de estilo”, onde testamos os limites e tensões entre criação e

crítica. Mas é uma solidão a três, já que o exercício desta vez foi feito a seis mãos.

Ali, Mario Tommaso, Priscila Pesce e eu abrimos e construímos caixas de sapato, armários, arquivos, vasculhando as estantes — vestígios do passado que nos dizem sobre o que somos agora.

Claudia: Não acredito que finalmente terminamos!

Toca um telefone celular, Ana responde com monossílabos enigmáticos e expressões de aflição.

Claudia: O que foi?

Ana: Ainda não terminamos, Claudia. Esquecemos de um último trabalho: o vídeo, lembra? O Vitor estava fazendo os últimos ajustes técnicos e não o incluímos na nossa lista...

Epílogo

Claudia: Ao som alegre de “Fére Bánat”, trilha sonora do vídeo, conseguimos encontrar uma companhia para os cadernos guardados sozinhos: “Auto-tipografia” de Vitor Borysow.

A partir de velhos documentos guardados, o autor explora o que os vestígios de letras e tipografias, presentes nos papéis de todos nós, podem nos dizer sobre o que somos agora.